Elisandro Rodrigues, Leandra Bôer Possa e Ricardo Burg Ceccim
ORGANIZADORES

fármacos, remédios, medicamentos:



o que a educação tem com isso?

VOLUME 3

editora
redeunida

Série
Vivências
de Educação
na Saúde

ORGANIZADORES

Elisandro Rodrigues
Leandra Bôer Possa
Ricardo Burg Ceccim

Série Vivências de Educação na Saúde

Fármacos, remédios, medicamentos:
o que a educação tem com isso?
Volume 3
Processos de Despatologização na Educação e na Saúde

1ª Edição
Porto Alegre
2026

editora
redeunida

Comissão Executiva Editorial
Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Camila Fontana Roman
Carolina Araújo Londero

Revisão
Tiago Estrela da Cunha Moraes

Projeto Gráfico | Diagramação
Lucia Pouchain

Financiamento
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do edital de Programa de Apoio a Eventos no País (Edital PAEP nº 22/2024).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F233

Fármacos, remédios, medicamentos: o que a educação tem com isso? Volume 3 – Processos de Despatologização na Educação e na Saúde / Elisandro Rodrigues; Leandra Bôer Possa; Ricardo Burg Cecim. (Organizadores) – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2026.

345 p. (Série Vivências de Educação na Saúde, v. 42).
E-book: 3.4 Mb; PDF

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5462-284-4
DOI: 10.18310/9786554622844

1. Cuidado em Saúde. 2. Educação em Saúde. 3. Farmacologia. 4. Saúde Coletiva. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM QV 18.2
CDU 615

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br

editora
redeunida

Sobre os gestos de pensamento: medicalização e patologização da vida[7]

Elisandro Rodrigues

0.

Queria pensar com vocês, nesse breve ensaio algumas questões. Faço essa montagem de fragmentos mobilizado por nosso último encontro e, principalmente, com a pergunta da Professora Leandra Bôer Possa. No final da aula ela pergunta algo mais ou menos assim: "Quais são as práticas que nos levam a medicalização?".

Lanço essa pergunta para vocês, para pensarmos conjuntamente. Mas, também, gostaria de lançar uma pergunta como um gesto, enquanto um dispositivo poético. Em 2015 terminei meu mestrado com uma dissertação que tem como nome "Por uma clínica de uma vida". Recordo, que esse uma vida, partiu de uma conversa que tive com uma professora, com a Tania Galli Fonseca. Ao falar com ela sobre o que eu estava pesquisando

7 Texto escrito para as disciplinas sobre Despatologização e Medicalização da Vida no Programa de Pós-Graduação em Educação nos anos de 2023 e 2024.

e minha intenção de pensar nos dispositivos de captura, nesses processos de subjetivação da vida, disse a ela que a dissertação iria chamar-se Clínica da Vida. Ela me olha e diz, mas sempre que falamos da vida, falamos de uma vida.

A singularidade sempre está presente quando pensamos em processos de patologização e medicalização da vida, pois, como me lembro em 2014 Tânia, sempre falamos de uma vida, de um sujeito, de uma singularidade. A pergunta enquanto gesto é a que me fazia há alguns anos atrás: como se pensa e se problematiza a vida no contemporâneo? Ou melhor, como se percebe os discursos da medicalização da vida nos cotidianos de trabalho e formação?

1.

Para falar sobre uma vida escolho uma que me acompanha desde minha graduação. Peço que imaginem: Um homem bravo, um homem violento, inquieto, que não se enquadra na normalidade. Um homem louco, esquizofrênico. Agora imaginem esse homem com uma agulha. Com uma agulha e um fio azul a bordar mantos, estandartes, construir barcos, navios, a recolher o *gesto do que resta de uma humanidade em uma hospital psiquiátrico*.

Poderia ter escolhido falar sobre Hercia, uma menina que não para em seu lugar, que não consegue se concentrar para ler ou escrever, que agita a turma e se agita, mas que adora cantar. Poderia falar de Pedro que com oito anos não sabia ler e nem

escrever e quando solicitado a escrita desenhava bolinhas e contava e imaginava histórias a todo momento, tendo uma habilidade extraordinária para o desenho; ou quem sabe de um homem adulto que leva o nome de uma flor e vem a um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) com questões tão singelas, mas que o preocupavam e que com poucas sessões de escuta deu-se por resolvido seu problema.

Ou quem sabe de Terezinha que queria contar sua vida em filme e após seu pedido ser acolhido, tem um documentário sobre sua vida filmado, que tem por nome Quatro Reais, e ao ser perguntada do por que do nome do documentário dizia que era sobre as coisas da vida, expressão dita por ela para se referir das dificuldades sociais enfrentadas e superadas. Terezinha, usuária crônica de um CAPS, um tempo depois de ter seu desejo realizado deu-se alta e rumou para outros gestos na vida.

Poderia falar também dos habitantes da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro e selecionar algum dos mais de 200 mil trabalhos contidos nos arquivos do que hoje é o Museu Estadual Oficina de Criatividade. Selecionar *uma vida* das que passaram por esse espaço de clausura.

Poderia ficar falando dessas vidas, ou de tantas outras que nossos olhares atravessam no cotidiano da educação e da saúde. Ou, quem sabe poderia fazer dessa aula uma aula escuta e pedir para vocês me contarem um caso, em um gesto singular falar de um dos tantos que trabalham e conhecem, que circulam pelas escolas e espaços de saúde. Pois é sempre do singular que tratamos, sempre de *uma vida*. Essa fala de Tania me acompanha,

assim como uma pergunta que Luciano Bedin da Costa faz em sua tese e em um texto intitulado "O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida": "E a gente entra numa vida como?". Desloco essa pergunta para pensar: *como narrar uma vida?*

Quem sabe seja um pouco do que Marília Garcia diz, quando a escutei esses dias em uma fala realizada na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty de 2023), na "mesa 14: alguém telegrafa para o mundo pedindo atenção": "*será que não estou sempre tentando dizer a mesma coisa*. Como fazer para congelar o tempo? Como dizer para cada um que está hoje: Agora ouça, segure esse fio invisível entre a gente, isso é um poema. E ele diz: eu estou aqui para você. O que eu posso tentar fazer é segurar, ou tentar segurar o presente que temos em comum".

Seguramos esse fio que tece nossas vidas se equilibrando nas questões, por vezes as mesmas, que são mais do que questões de pesquisa, são questões *que dialogam com o nosso trabalho cotidiano* enquanto professores em sala de aula, ou trabalhadores de saúde em um espaço clínico. Penso, que o que temos em comum, é esse *gesto de pesquisa e de investigação*, essa inquietação perante a vida e com/sobre aquelas e aqueles com quem trabalhamos. Sobre essa *uma vida*.

Me interessa aqui tecer um fio sobre *uma vida*, sobre a vida de um homem bravo; violento; inquieto; que não se enquadra na normalidade. Um homem louco, esquizofrênico. Negro. Falo aqui de Bispo do Rosario. Foi internado em 1939 na Colônia Juliano Moreira, um dos maiores manicômios brasileiros que ficava no Rio de Janeiro. Esse espaço funcionou de 1924 tendo

seu fechamento definitivo em 27/10/2022, sendo concluído o processo de desinstitucionalização de pacientes psiquiátricos, marco da luta antimanicomial e contra o estigma da loucura. Ao longo de vários anos foi realizado uma transição, em vários hospitais psiquiátricos, realizando uma passagem dos usuários para o convívio social retornando para suas famílias, morando sozinhos ou em residenciais terapêuticos.

O Hospital Psiquiátrico São Pedro, aqui em Porto Alegre, foi criado em junho de 1874 e somente em março de 2023 teve seu processo de desinstitucionalização concluído, sendo os últimos moradores encaminhados para um residencial terapêutico. A Reforma Psiquiátrica no Brasil tem uma luta antiga contra as práticas manicomiais e por uma sociedade sem manicômios. Fomenta-se nos anos 60/70 a partir da Reforma Psiquiátrica Italiana, que tem como um dos proponentes Franco Basaglia. No processo de luta pela democracia e redemocratização e pela saúde como direito, em 1978-1979 ocorreram no Brasil diversas discussões sobre as péssimas condições dos hospitais psiquiátricos no Brasil. Em 1984 acontece o marco na saúde pública do Brasil, a 8ª Conferência Nacional de Saúde que é a carta magna da criação do Sistema Único de Saúde. Uns anos depois vem ao Brasil Franco Rotelli, italiano que substituiu os serviços de saúde mental depois da saída de Basaglia. Em 1987 foi criado o Movimento Antimanicomial e em 1989 apresentado o projeto de reforma psiquiátrica no Brasil por Paulo Delgado, sendo aprovado só depois de 12 anos de tramitação, em 2001. No Brasil um dos nomes importantes desse movimento antimanicomial é Paulo Amarante.

Essa breve história se faz importante para pensarmos que os movimentos que pensam práticas diferentes, como o de uma sociedade sem manicômios e os pela inclusão, são pautas recentes no cenário brasileiro. São linhas que se tecem em um grande emaranhado de uma cultura de exclusão e segregação. E aqui retomo novamente a questão trazida por Leandra: "Quais são as práticas que nos levam a medicalização?". Posso dizer, quem sabe, como um primeiro apontamento que as práticas que nos levam a medicalização são práticas que não olham para as subjetividades, são práticas que não olham essa outra, esse outro enquanto sujeito de direito, enquanto ser humano.

2.

Bispo do Rosario ficou cerca de cinquenta anos internados na Colônia Juliano Moreira após um surto psicótico no qual afirmava ser Jesus Cristo, ocorrido na véspera de natal de 1938. Ele teria vagado pela cidade durante três dias, indo de igreja em igreja, de porta em porta anunciando-se. Foi parar no Mosteiro de São Bento onde falou com um grupo de monges que era um enviado de Deus encarregado de julgar os vivos e os mortos. Foi detido e preso como negro, sem documentos e indigente sendo levado para o Hospicio Pedro II (instituição onde foi internado Lima Barreto) e posteriormente, um mês depois, para a Colônia Juliano Moreira recebendo um diagnostico de "esquizofênico-paranoico", onde veio a falecer, cinquenta anos depois, em 1989.

O que mais interessa na subjetividade de Bispo do Rosario é que o mesmo negava tratamentos e não participava das atividades terapêuticas oferecidas na Colônia Juliano Moreira. Mantinha para si sua singularidade, *sua vida*. Não raspava o cabelo e nem usava uniforme, esse era desmontado para montar suas obras. Tecia sua própria linha de vida. A obra de Bispo do Rosario é um grande inventário, endereçado ao apocalipse e a um outro mundo. Bispo tinha uma missão: salvar o mundo. Ele tinha a missão de apresentar o mundo, de recriar o universo à espera do Juízo Final.

Que mundo Bispo queria apresentar, como diria os povos guaranis, *Yvy marã e'ỹ*, ou seja uma terra sem males. Bispo tinha como matéria para construir sua obra os fios azuis, desfiados dos uniformes dos internos da Colônia Juliano Moreira, bordando as suas imagens e palavras. Decidiu, por conta própria, trancar-se durante vários anos, ao total foram sete, em uma cela sozinho onde com agulha e linha ia bordando e escrevendo suas artes, seu manto, seus estandartes, seus fragmentos de vida. A cor predominante de suas obras é o azul, que desfiava dos uniformes dos internos e objetos que recolhia, como um trapeiro, como um colecionador como pedaços de madeira, arame, copos, fios de varal, garrafas, chinelos, colheres, garfos, etc. Tudo o que ele encontrava transformava-se em um gesto poético e artístico.

Nesse universo de Bispo mais de 800 peças foram produzidas e que hoje encontram-se no acervo do Museu Bispo do Rosario no Rio de Janeiro. Gosto de pensar nesse movimento de bordar a palavra e a imagem no que Didi-Huberman fala, em

seu ensaio chamado "Sobre o fio" quando ele diz que: "O fio é algo muito simples: apenas uma linha no espaço. Mas é também algo muito complexo: um novelo, um emaranhado. O fio sustenta a estrutura (teia de aranha, cordame, rede de ligaduras), mas pode também se desfiar e, de repente, se romper. Ele se junta (fiação, malha) ou se alinhava (laços, franja, trança). Ele traça um destino (as Parcas), nos aprisiona (amarras, laços) ou se divide em quatro (racionalizações, argúcias, subterfúgios). Guia-nos para o melhor (Ariadne, curso d´água) ou nos extravia para o pior (cipós, cardos). O fio liga, encadeia e dá curso. Ou, ao contrário, corta, afia, amola e faz romper. O fio está sempre por um fio" (2019, p. 31-32).

3.

Retomando o que Marilia Garcia falava sobre permanecermos na própria questão, ou nesse permanecer no próprio dilema, como também o diz Didi-Huberman, me recordo de uma entrevista de Michel Foucault, realizada em 07 de março de 1981 para a Universidade Católica de Louvain, em que ele diz que "se houver uma certa coerência no que faço, talvez esteja mais relacionada com uma situação que nos pertence - em que somos todos capturados - mais do que a uma, se for possível dizer uma intuição fundamental ou um pensamento sistemático. é verdade, a filosofia moderna pode, depois que Kant colocou a questão 'o que é a iluminação?', isto é: o que é nossa atualidade? O que acontece ao nosso redor? A filosofia tem adquirido então

uma dimensão que tem aberto para ela uma certa tarefa, que havia sido ignorada ou que não existia. E que consiste em dizer: quem nós somos? Dizer: em que consiste nosso presente? Em que consiste isso hoje? [...] Eu penso que a filosofia, entre as diferentes funções que pode, e que deve ter, também tem esta: perguntar-se pelo que somos em nosso presente, em nossa atualidade".

Pensar no nosso cotidiano, no que nos cerca, no que nos inquieta é produzir um *gesto de investigação* que faça esse fio, essa linha se tencionar de quando em quando. Queria trazer duas questões. A primeira do texto "Alcance de los dispositivos artísticos y poéticos en la investigación en salud y salud mental" escrito pela Eva Marxen e pelo Luis Felipe González Gutiérrez e o segundo, o que dá título ao livro de David Lapoujade, "As existências mínimas".

Eva e Luis nos chamam a atenção, para esse movimento de tecitura que provoca, principalmente para mim, as obras de Bispo do Rosario. Eles dizem, na conclusão desse artigo que "se ha dejado de pensar el uso del arte como una herramienta, sino como una vivencia de construcción de la subjetividad que permite una auténtica experiencia de construcción de la realidad con la implicación activa y crítica por parte del investigador en sus proyectos" (2025, sp). Bispo, de certa forma, ao pensar sua apresentação para Deus, realiza uma construção de sua subjetividade que utiliza a arte como vivência que constrói a sua realidade.

Esses autores nos apresentam duas formas de pensar a pesquisa em educação e saúde, partindo dos dispositivos artísticos, que situam-se em uma encruzilhada entre o saber e o

poder, mas que abre possibilidades de novas formas singulares de ver, pensar, sentir e habitar o mundo. Já os dispositivos poéticos funcionam como um modo de montar o texto de forma a permitir outras possibilidades e tipos de narrativas.

Lapoujade por sua vez, ao pensar com Etienne Souriau, aproxima-se do que falava a pouco de Michel Foucault, sobre investigar a nossa realidade e nosso cotidiano. Souriau vai dizer que "o recurso oferecido é estudar o problema" (2020, p.86). No livro "Diferentes modos de existência", diz que "a existência são todas as existências; é cada modo de existir. Em todos, em cada um individualmente, a existência reside integralmente e se realiza"; "cada modo é por si só uma arte de existir" (Lapoujade, 2019, p.125).

Podemos pensar então que todos existem, mas cada um ao seu modo, ou melhor, à sua maneira. Dado que "modo pensa a existência a existência a partir dos limites ou da medida dos seres (…) enquanto que maneira pensa a existência a partir do gesto, da forma tomada pelos seres quando aparecem" (Lapoujade, 2019, p.15). Existimos, todas e todos, cada um à sua maneira, construindo e constituindo diferentes maneiras de ser e de viver a vida. Pensar isso é dizer de uma arte de existir, ou das artes de existir. Ou seja, cada um, cada uma existe à sua maneira, conforme seus *gestos singulares*.

Aqui me faço uma série de perguntas que compartilho com vocês para pensarmos juntas e juntos: Como pensar as maneiras de existir de cada um e cada uma que acompanhamos? Como observar e dar conta, pedagogicamente, da pluralidade dos modos e maneiras

de existência de uma sala de aula? Falando das existências David Lapoujade vai nos perguntar: como tornar mais real aquilo que existe? Poderíamos nos perguntar, como tornar real as políticas de inclusão que já existem? E, quem sabe ainda com David Lapoujade (2019, p. 24-25) quando nos pergunta: o que resta a um ser quando seu modo de existência, sua maneira de existir é contestada? Através de que 'gestos' instauradores as existências conseguem se 'colocar' legitimamente? Como pensar a questão da saúde, e da saúde mental, no campo da educação e na sala de aula? Como pensar as vidas, as existências mínimas, e suas montagens no campo da educação e da saúde? Como perceber a vida como uma arte da existência nos cotidianos em que vivemos e atravessamos?

4.

Queria aqui fazer uma breve pausa, um deslocamento de pensamento, mas ainda dialogando com a questão "Quais são as práticas que nos levam a medicalização?".

5.

E esse deslocamento começa com essa frase: Imaginar o imaginável.

Essa é uma frase do livro Cascas, de Didi-Huberman. O autor ao visitar o Museu de Auschwitz-Birkenau comenta

em determinado momento: "Isto é inimaginável", mas logo em seguida acrescenta, "logo devo imaginá-lo apesar de tudo".

Abrão Slavutzky e de Edson Sousa empregam um título poético e político a um livro: "*Imaginar o amanhã*". Na apresentação do livro os autores escrevem: "Imaginar é um ato de coragem, que nos coloca em movimento, instaura espaços de revolta e de esperança abrindo mundos até então desconhecidos. Imaginar o amanhã é trazer o passado para o presente, unindo experiências para pensar o futuro" (Slavutzki; Sousa, 2021, p. 7).

Dias atrás, em um grupo de whatsapp com pessoas de várias regiões do Brasil e do Mundo, ao sermos perguntados como estávamos, aos que moram aqui no Rio Grande do Sul, meu único gesto foi colocar uma imagem que diz: Estamos vivos, parece. Imagem essa da Puerta del Sol de Madrid, das manifestações do 15-M realizadas entre maio e junho de 2011, o movimento dos indignados.

Manifestação essa que buscava colocar em pauta a democracia e os sistemas de divisão de poderes. 2011 é um ano distante, mais ainda está 2001 quando caminhávamos pelas ruas de Porto Alegre pedindo um outro mundo possível, um mundo onde o debate sobre a democracia e a defesa do ambiente caminhavam juntas. Digo ambiente pois ao falar meio ambiente esses dias fui lembrado por uma militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) que vivemos em um ambiente é inteiro e não apenas em sua metade.

Tentar imaginar o que passamos, o que passou, o que se passou, o que estamos passando é imaginar apesar de tudo. Imaginar

que - como nos lembra Túlio Batista Franco nos seu texto intitulado "Poderá o SUS salvar nossas utopias?", publicado essa semana no site "Outra Saúde" - os últimos anos a população do mundo foi atingida por uma série de manifestações da natureza vindas de livros e filmes de ficção. Foram, nesses últimos anos, mais de 7 milhões de mortes pela pandemia de covid-19. Vemos diariamente o adoecimento do mundo - o que sempre me faz lembrar de uma tirinha da Mafalda onde fala que o mundo está doente - estamos sendo surpreendidos por eventos climáticos extremos em todo o planeta: "chuvas torrenciais no deserto em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, que produziram cenas improváveis de ruas alagadas e carros submersos; enchentes no norte do Afeganistão que deixaram centenas de mortos; seca na Amazônia brasileira, fogo no Pantanal …" (excerto do texto de Tulio Batista Franco).

Quem sabe, não ao imaginar, mas ao ver todas essas imagens e viver aqui no Rio Grande do Sul, nos remeta a uma outra pergunta, que vai, quem sabe, além da possibilidade de imaginar apesar de tudo: Haverá futuro?

Edson Sousa - em um livro chamado "Furos no futuro" - vai dizer que "nosso desafio é saber como abrir furos neste véu do amanhã".

6.

Algumas semanas atrás, em meio a essa tragédia toda que assola nosso Estado, resolvi participar de um curso sobre

Annie Ernaux com Carolina Junqueira e Flávia Péret. O primeiro convite para a escrita, em forma de pergunta, era: Qual imagem você salvaria do esquecimento? Escrevi o que se segue:

As imagens são tantas. Como escolher uma. Como salvar uma imagem do esquecimento? É possível escolher | encontrar uma imagem para guardar, para carregar consigo como as personagens do livro de Ray Bradbury - Fahrenheit 451 - que guardavam consigo um livro para livrar do esquecimento e do apagamento? Diz Annie Ernaux "que todas as imagens vão desaparecer", salvar uma do esquecimento, uma imagem apenas seria suficiente? E que imagem salvar? E se essa imagem salva vier a desaparecer?

Didi-Huberman - no seu livro "Falenas" - fala desse movimento das borboletas que aparecem e desaparecem, e diz de uma imagem-aparição. Como um batimento, um pulsar, uma vibração rítmica que está ali e ao mesmo tempo não está. Diz também que toda imagem que se forma é passageira, como a passante de Baudelaire. Ela passa mas fica algo dela gravado em nossa retina. Quem sabe o desejo e a imaginação sejam o motor para o não esquecimento de uma imagem.

Ele nos pergunta: "Escrever diante de cada imagem, diante de cada aparição, não seria simplesmente desejar que esta metamorfose aconteça". A metamorfose é a transformação desta imago, do casulo em borboleta, para ela passante, enquanto aparição. Como deixar uma imagem ser uma aparição?

Das tantas imagens clicadas ao longa da última década como escolher uma? Como permanecer com uma? A escolha é difícil. Começo a abrir as pastas virtuais e percebo que as imagens

arquivadas na nuvem datam de 2020 em diante. Busco os arquivos guardados em um HD externo.

Encontro a imagem que gostaria de escrever. Está dentro de duas pastas, a primeira <ANALÓGICAS 2015> e a segunda <Resquícios analógicos de uma cidade>. A imagem que busco para salvar, e também para descrever, é uma imagem ausente.

Seleciono o arquivo 000018960036, antes dele temos seis fotogramas e depois mais um. Pelo que podemos observar essa sequência diz dos últimos fotogramas de um rolo de 36 poses. Tenho o costume de "queimar" todas as fotos de um filme, não tenho a paciência de aguardar o tempo para o registro posterior. Para encaminhar a revelação acabo por fotografar ao acaso o acaso para finalizar o rolo. A data de criação do arquivo é 03 de outubro de 2015.

Essa sequência são disparos aleatórios de uma árvore-fantasma.

Em 29 de janeiro de 2016 Porto Alegre é acometida por uma forte tempestade. Durante o dia os termômetros marcavam 40°C. A massa de ar quente que assolava a cidade chocou-se com uma massa de ar frio que chegava do sul do Estado. Os ventos chegaram a mais de 120km/h. O rastro de destruição do vento foi percebido com mais visibilidade no dia seguinte com mais de 3 mil árvores caídas. Dentro do meu apartamento, no último andar, a água escorria pelo teto e pelas paredes. Além das árvores, muitas casas foram destelhadas nesse dia.

É curioso lembrar dessa cena hoje, junho de 2024, um mês após o Estado do Rio Grande do Sul ter sido atingido por um evento climático extremos que imundou cidades inteiras, com

muitas mortes e milhares de famílias desalojadas. Foram mais de 473 municípios atingidos pelas enchentes, o que significa 96% do território do Estado do Rio Grande do Sul. A população afetada ultrapassa os 2,3 milhões, com cerca de 600 mil desalojados, mais de 800 feridos e 40 desaparecidos e mais de 169 mortes. Muitos espaços como igrejas e escolas viraram locais de abrigo e acolhimento para mais de 80 mil pessoas. Assustador também é o número de animais domésticos e silvestres que estavam ilhados em diversas áreas do Estado, mais de 12,5 mil.

Essa sequência de seis disparos aleatórios que finalizam o filme de 2015 mostram uma árvore-fantasma, arrancada pelos ventos de 2016.

A imagem que escolhi é o sétimo fotograma. Uma imagem-lacuna. Nela vemos apenas o fantasma de uma árvore. Um degrade de cores onde o amarelo e o preto predominam.

Uma imagem ausente, uma imagem fantasma ou, quem sabe, uma imagem perda.

7.

Falar sobre as práticas e os gestos que nos medicalizam e nos patologizam é falar desse nosso cotidiano. É nos perguntarmos sobre a vida no contemporâneo, sobre tudo o que nos atravessa diariamente - as imagens e as palavras -, os discursos da medicalização. Esse discurso está presente todos os dias. Faça sol ou faça chuva, faça frio ou calor. Às vezes, chega antes e,

por outras demora-se a chegar. Não se tem como interromper a jornada cotidiana do sol. Ele nasce. Ele se põe. A medicalização da vida é a paisagem de fundo, é o pôr do sol, faz-se presente de muitas maneiras diferentes nos cotidianos, não está apenas na intervenção médica diretiva nas subjetividades, mas ganha outras formas no contemporâneo. Está nos modos de vida que passam despercebidos, na forma de falar, de operar a política, na forma de escrever, no que se judicializa, farmacolariza, escolariza, academiza, está enraizada nos modos de viver. Está na produção de perigos e nos medos advindos, que impedem os encontros. Está na construção do espaço público, no controle do que se come, do que se bebe, enfim, que subjetiva a ponto de modificar a vida, criando nomes e palavras, hiper-otimizando a produção de eus modificando as potências.

Fala-se de Medicalização. De Patologização. Farmacologização. Judicialização. Subjetivação. Da Vida. Da Sociedade. Da Existência. Essas imagens de representação de mundo indicam, em seus fragmentos, a ideia da captura de existências. Esta pode ser pensada como o que esgota, [des] pontecializa e domina a vida. Como um dispositivo que se legitimou como fenômeno coletivo, uma biopolítica, que opera como analisador de um processo em disputa pela existência de um dado modo de vida e do que movimenta a produção dos eus no contemporâneo.

Esse tema carrega consigo uma complexidade, pois não se fala, aqui, da medicalização ligada ao uso estrito de medicamentos, controlados ou não, ou de um recorte específico,

como a medicalização de crianças na escola ou o uso de fármacos em adultos a partir de diagnósticos como a depressão. Fala-se aqui da medicalização como um dispositivo, como um governamento das vidas, uma biopolítica.

Fico me perguntando, como percebemos/olhamos/enxergamos/vemos os discursos [as imagens] da medicalização da vida nos cotidianos. Penso que a medicalização da vida é uma força invisível que exerce poder sobre os corpos, individuais e coletivos, causando-lhes sensações que [des]potencializam os modos de viver. Essa pergunta de Leandra pode ser pensando do seguinte modo: onde está o que [nos] medicaliza?

8.

Estive no Rio de Janeiro entre os dias 03 e 07 de novembro de 2023. Não consegui ir visitar o Museu Bispo do Rosario. Mas, consegui visitar um local que nunca tinha estado muito inspirado por um poema da Marília Garcia (2018) onde ela escreve, no seu livro "Parque das ruínas_", o seguinte:

"gostaria de começar
contando o que aconteceu
no dia em que recebi uma encomenda para escrever este texto
eu estava no rio de janeiro
e tinha ido ver uma exposição do jean-baptiste debret
num museu chamado 'chácara do céu'
em determinado momento da exposição

eu queria tomar um café mas lá não tinha café
para tomar um café
era preciso sair da 'chácara do céu'
e ir ao mudei ao lado chamado 'parque das ruínas'
então fui e sentei no parque das ruínas para tomar um café
e fiquei pensando nesses dois nomes
chácara do céu e parque das ruínas
e fiquei pensando em como fazer para passar do céu
para as ruínas e depois voltar ao céu
[...]
desde aquele dia não consegui mais tirar da cabeça
algumas imagens:
  a chácara e a ruína
e as formas de ver o mesmo lugar -
  e os meios de passar de um para o outro -
[...]"

Fui ao Parque das Ruínas, mas não consegui entrar na Chácara do Céu, soa meio estranho falar essas frase, retorno ao início sobre repetir as mesmas questões, e aqui repito a de Marília, como se faz para passar do céu para as ruínas e voltar ao céu? No dia em que visitei o Parque das Ruínas não consegui chegar ao céu. Ao retornar do Parque das Ruínas, antes de passar pela entrada principal da Chácara do Céu, uma placa azul fixada em um casarão antigo chamou minha atenção, na placa estava escrito "Aqui morou Nise da Silveira entre 1927 e 1932".

Queria, para finalizar, lembrar de mais *uma vida* que foi importante para o campo da saúde mental, Nise da Silveira, e deixo a dica para quem não conhece seus *gestos* de pensar e construir outras maneiras de viver a vida, que vale a pena passar das ruínas para o céu.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. Falenas. Lisboa: KKYM, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: Editora 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobre o fio. Tradução de Fernando Scheibe. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2019.

FRANCO, Tulio Baptista. Poderá o SUS salvar nossas utopias?. Outra Saúde, São Paulo, 04 de junho de 2024. Disponível em: https://outraspalavras.net/outrasaude/podera-o-sus-salvar-nossas-utopias/. Acesso em: 05 de junho de 2024.

GARCIA, Marília. Parque das ruínas. São Paulo: Luna Parque, 2018.

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MARXEN, Eva; GONZÁLEZ, Luis Felipe. Pensar las artes y la poesía en la investigación cualitativa crítica en Latinoamérica e Iberoamérica. Enfermería: Cuidados Humanizados, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e4303, 2025.

SLAVUTZKI, Abrão; SOUSA, Edson Luiz Andre de. Imaginar o amanhã. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

SOURIAU, Étienne. Diferentes modos de existência. Tradução de Walter Romero e Menon Junior. São Paulo: n-1 edições, 2020.

SOUSA, Edson Luiz André de. Furos no futuro. Porto Alegre: Artes&Ecos, 2022.